

Coleção Saberes Indígenas na Escola Vol. 3

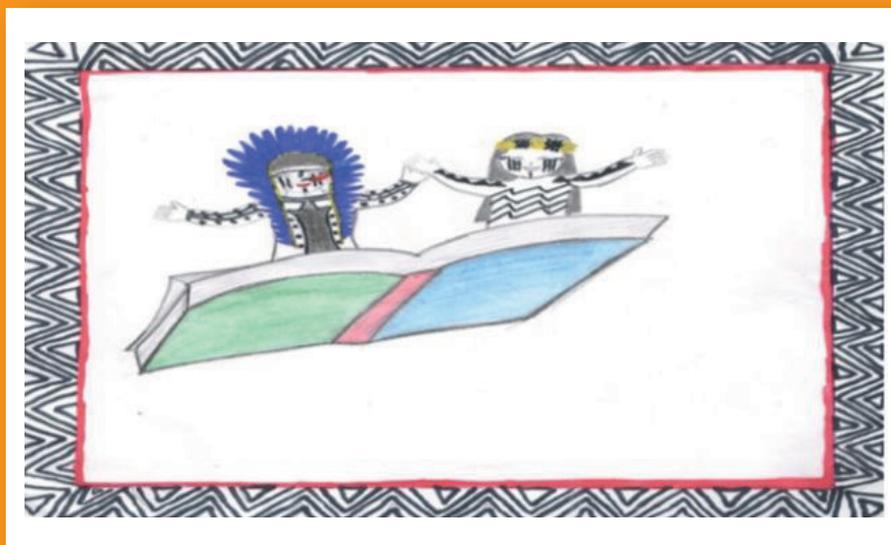
Maria Margarete Noronha Valentim

Miriam Kazaizokairo

Hellen Cristina de Souza

(Organizadoras)

Alfabetizando com as histórias dos ancestrais Manoki/Irantxe



**Alfabetizando com as Histórias dos
Ancestrais Manoki/Irantxe**



Ministério da Educação
Universidade Federal de Mato Grosso

Reitora

Myrian Thereza de Moura Serra

Vice-Reitor

Evandro Aparecido Soares da Silva

Coordenador da Editora Universitária

Renilson Rosa Ribeiro

Supervisão Técnica

Ana Cláudia Pereira Rubio

CONSELHO EDITORIAL



Membros

Renilson Rosa Ribeiro (Presidente - EduFMT)
Ana Cláudia Pereira Rubio (Supervisora - EduFMT)
Ana Carrilho Romero Grunennvaldt (FEF)
Ana Cláudia Dantas da Costa (FAGEO)
Carla Reita Faria Leal (FD)
Divanize Carbonieri (IL)
Elisete Maria Carvalho Silva Hurtado (SINTUF)
Elizabeth Madureira Siqueira (IHGMT)
Evaldo Martins Pires (ICNHS - CUS - Sinop)
Gabriel Costa Correia (FCA)
Ivana Aparecida Ferrer Silva (FACC)
Joel Martins Luz (CUR – Rondonópolis)
Josiel Maimone de Figueiredo (IC)
Karyna de Andrade Carvalho Rosetti (FAET)
Léia de Souza Oliveira (SINTUF/NDIHR)
Lenir Vaz Guimarães (ISC)
Luciane Yuri Yoshiara (FANUT)
Mamadu Lamarana Bari (FE)
Maria Corette Pasa (IB)
Maria Cristina Guimaro Abegao (FAEN)
Mauro Lúcio Naves Oliveira (IENG - Várzea Grande)
Moisés Alessandro de Souza Lopes (ICHS)
Neudson Johnson Martinho (FM)
Nilce Vieira Campos Ferreira (IE)
Odorico Ferreira Cardoso Neto (ICHS - CUA)
Oswaldo Rodrigues Junior (IGHD)
Pedro Hurtado de Mendoza Borges (FAAZ)
Regina Célia Rodrigues da Paz (FAVET)
Rodolfo Sebastião Estupiñán Allan (ICET)
Sérgio Roberto de Paulo (IF)
Wesley Snipes Correa da Mata (DCE)
Zenésio Finger (FENF)

Saberes Indígenas na Escola Vol. 3

Maria Margarete Noronha Valentim
Miriam Kazaizokairo
Hellen Cristina de Souza
Organizadoras

**Alfabetizando com as Histórias dos
Ancestrais Manoki/Irantxe**

1ª Edição


EdUFMT
Cuiabá-MT
2019

Copyright © Maria Margarete Noronha Valentim; Miriam Kazaizokairo & Hellen Cristina de Souza (organizadoras), 2019.

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº9.610/98.

A Edufmt Segue o acordo ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil, desde 2009.

A aceitação das alterações textuais e de normalização bibliográfica sugeridas pelo revisor é uma decisão do autor/organizador

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A385

Alfabetizando com as Histórias dos Ancestrais Manoki/Irantxe./
Maria Margarete Noronha Valentim , Miriam Kazaizokairo e
Hellen Cristina de Souza(organizadoras). 1ª edição. Cuiabá-MT:
EdUFMT, 2019.
44p.

Coleção Saberes Indígenas na Escola – vol. 3

1. Povo Manoki / Irantxe. 2. Indígenas. 3. Alfabetização.
I. Valentim, Maria Margarete Noronha (org.). II. Kazaizokairo,
Miriam (org.). III. Souza, Hellen Cristina de (org.). IV. Título.

CDU 397(=87)

Douglas Rios – Bibliotecário – CRB1/1610

Coordenação da EdUFMT: Renilson Rosa Ribeiro

Supervisão Técnica: Ana Claudia Pereira Rubio

Revisão Textual e Normalização: Áurea Cavalcante Santana

Diagramação e Arte da Capa: Mikhail Baraniuk de Queiroz e Bruna Nunes de Souza

Ilustrações: Comunidade indígena Manoki

Impressão: Gráfica Print



Editora da Universidade Federal de Mato Grosso
Av. Fernando Corrêa da Costa, 2.367
Boa Esperança. CEP: 78.060 – 900 - Cuiabá, MT.
Contato: www.editora.ufmt.br
(65) 3313-7155



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Equipe de Execução

Ministério da Educação

Universidade Federal de Mato Grosso

AÇÃO SABERES INDÍGENAS NA ESCOLA – REDE UFMT

Equipe Ação Saberes Indígenas na

Escola – Rede UFMT

Beleni Saléte Grando
(Coordenação Geral)

Coordenação Adjunta

Leures Athaide da Silva

Equipe Pedagógica

Alceu Zóia

Eglen Sílvia Pipi Rodrigues

Ema Marta Dunck-Cintra

Maxwell Gomes Miranda

Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira
(Supervisores - IES)

Formador de IES

Aurea Cavalcante Santana

Waine Teixeira Junior

Coordenadores de Ação

Darlene Wodore

Darlene Yaminalo Taukane

Hellen Cristina de Souza

Maria Margarete Noronha Valentim

Miriam Kazaizokairo

Neide da Silva Campos

Sandra Regina Braz Ayres

Xisto Tserenhi Ru Tserenhimi Rami

Formadores Pesquisadores

Félix Rondon Adugoenau

Jurandir Siridiwe Xavante

Micael Turi Rondon

Nilson Tserewatsa T. E Omo wa

Orientadores de Estudos

Darlene Wudore

Dineva Maria Kayabi

Edimar Warakoxi

Inácio Airero Buprewé

Ivanete Krixi

Jones de Adenilson Crixí

Lauro Lopes L. Pariko Ekureu

Maria Izabel Rup

Mateus Alcantara Rondon

Nilce Zonizokemairo

Paulo Gaco Tsimani Iwe Xavante

Pomerquenpo Txicao

Valdevino Harison Amajunepa

Consultoria Pedagógica

Esther Pillar Grossi

Soraya Rodrigues Fernandes

Valéria Renon

Grupo de Estudos sobre Educação,

Metodologia de Pesquisa e Ação -

Equipe de Apoio Técnico

Edilaine Patrícia Da Silva Neves

Patrícia Graciela Pagliuca

Stephany Giovanna Paipilla Fernandez

Apresentação da Coleção

A Coleção Saberes Indígenas na Escola nasce com a publicação de oito livros didáticos dos Povos Bororo, Umutina, Chiquitano, Xavante, Paresi, Nambikwara e Manoki, elaborados coletivamente por professores indígenas com suas comunidades e em parceria com a equipe que atua na coordenação e gestão do Projeto “Ação Saberes Indígenas na Escola – Rede UFMT”. O Projeto contou com o financiamento do Ministério da Educação como programa criado e desenvolvido pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão – SECADI (2018-2019). Os livros visam atender, especificamente, à alfabetização e práticas de letramento das crianças, jovens e adultos nas comunidades indígenas, considerando suas referências linguísticas e culturais.

O trabalho de organização da estrutura linguística, de acompanhamento pedagógico e editorial é assumido pelos integrantes do GEDDELI/CNPq – Grupo de Estudos, Descrição e Documentação de Línguas Indígenas, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem – UFMT e COEDUC/CNPq – Grupo de Pesquisa Corpo, Educação e Cultura, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação - UFMT, os quais atuaram como parceiros dos respectivos organizadores dos livros.

Beleni Saléte Grando
Coordenadora Geral do Projeto ASIE – Rede UFMT



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	11
O POVO MANOKI/ IRANTXE	13
A língua Manoki/ Irantxe.....	14
Quadro de exemplos	16
A origem dos Manoki.....	18
Glossário Português –Irantxe/Manoki.....	24
A origem dos alimentos	25
Glossário Português –Irantxe/Manoki.....	31
A história de origem dos animais.....	33
Glossário Português –Irantxe/Manoki.....	36
As fases da educação tradicional Manoki	38
Glossário Português –Irantxe/Manoki.....	40
SOBRE OS AUTORES.....	43
SOBRE AS ORGANIZADORAS	45

APRESENTAÇÃO

Maria Margarete Noronha Valentim

Miriam Kazaizokairo

Hellen Cristina de Souza

A organização desta publicação se deu no contexto do projeto Ação Saberes Indígenas na Escola uma proposta do MEC/ SECADI coordenada em Mato Grosso pela Universidade Federal de Mato Grosso em parceria com a Secretaria Estadual de Educação, SEDUC, com os Centros de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação Básica CEFAPROS e com as Secretarias Municipais de Educação/SEMECs. A ação destina-se promover a formação continuada de professores da educação escolar indígena, especialmente daqueles que atuam nos anos iniciais da educação básica nas escolas indígenas e está regulamentada pela PORTARIA Nº- 98, DE 6 DE DEZEMBRO DE 2013.

Considerando o deslocamento cultural e linguístico em muitas comunidades indígenas do Brasil em decorrência, em parte, da colonização do saber imposto às escolas indígenas, a ação “Saberes Indígenas na Escola” tem por meta criar condições para interferir na Educação Escolar Indígena implantando propostas de elaboração de materiais didáticos e estudos de alfabetização em línguas indígenas, a fim de contribuir com o acesso aos processos de ensino aprendizagem em suas respectivas etapas/modalidades de ensino.

Nesta direção, os professores indígenas além de reforçarem a importância da língua indígena no currículo escolar podem assumir uma política autoral de alfabetização indígena, em projetos de educação intercultural bi/multilíngue, em



parceria com a comunidade. Tudo isso se constitui em importante apoio para implantarem projetos de fortalecimento linguístico e epistêmico na escola e na comunidade, na produção da escrita e vitalização da oralidade.

Neste contexto, os professores Eusiane, Edmar, Ângela, Romildo e Giceli das aldeias Caititu e Guarantã da Terra Indígena Tirecatinga apresentaram, para a publicação, uma releitura de histórias já publicadas. Selecionaram, entre o material disponível, histórias contadas pelos anciões Alonso da aldeia Paredão e Manoel Kanuxi da aldeia Asa Branca da Terra Indígena Manoki, no município de Brasnorte em Mato Grosso. A partir de pesquisas nas comunidades, os professores indígenas procuraram atualizar os textos, adequando-os aos objetivos de letramento propostos pelo projeto e vivenciado no cotidiano das suas próprias escolas.

Com o apoio e assessoria das linguistas: Adriana do Carmo Souza Cruz, Áurea Cavalcante Santana e Gonçalves Maria de Jesus Santos, do Programa de Pós-Graduação em Linguagem da UFMT/Cuiabá, foram elaborados o Alfabeto da língua Manoki Irantxe e os grupos de palavras que acompanham as histórias.



O POVO MANOKI/IRANTXE

Os Manoki (Irantxe), juntamente com os Mÿky, compartilham uma mesma cultura, constituindo um único povo, apesar, de hoje, habitarem terras indígenas separadas. A comunidade Manoki/Irantxe também está dividida, um grupo está na região de Brasnorte, MT e outro na Terra Indígena Tirecatinga (OPAN: 2012, 2015).

As ações referentes a este Livro foram desenvolvidas na aldeia Caititu localizadas na Terra Indígena de Tirecatinga, no município de Sapezal-MT. A aldeia Caititu foi fundada em 1984 por Lino Araxi Irantxe.

Lino, como era conhecido, deixou aos seus filhos, genros, noras, netos e bisnetos a missão de continuar buscando melhores condições de vida para os descendentes do povo Manoki. Hoje, o povo Manoki trabalha ativamente na rememoração do seu idioma, de suas histórias e de seus conhecimentos, já que não conta mais com a presença física de seu maior mestre, Lino Araxi Irantxe. *“Estamos desenvolvendo projetos na área da educação escolar para fortalecer a nossa cultura e buscamos parcerias que contribuam com nossos objetivos educacionais”*, diz a professora Ângela M^a Kamunũ Irantxe, apoiada pelo prof^o Romildo Orenaezokae, ambos envolvidos no resgate da língua étnica Manoki (Irantxe) na Comunidade Caititu.



A língua Manoki/Irantxe

A língua falada pelos povos Manoki/Irantxe e Myky, segundo Aryon Rodrigues (1986), é considerada uma língua isolada, ou seja, ainda não foram encontradas outras línguas aparentadas. Na comunidade Caititu, onde a maioria se considera Monoki/Irantxe, a língua materna é o português, no entanto a comunidade, liderada pelos professores indígenas, inicia um movimento de vitalização da língua materna ancestral, o Irantxe, buscando inseri-la na escola como 2ª língua. Neste sentido é que apresentam, neste Livro: Alfabetizando com as Histórias dos Ancestrais Manoki/Irantxe, algumas palavras na língua Manoki (Irantxe) para conhecimento e propagação da língua étnica na comunidade Caititu.

Como base para esta proposta, os professores pesquisaram vários materiais escritos na língua Irantxe e escolheram dois: O livro Jālijākje Walatājetjanỹ, elaborado em 2013 por dois indígenas Irantxe da aldeia Paredão, com assessoria de linguistas da UFMG e um Vocabulário Manuscrito de 2015 de propriedade do professor Romildo Orenaezokae. A partir destes dois materiais, apresentamos uma Proposta de Alfabeto¹ para a escrita da língua Irantxe/Manoki na aldeia Caititu, município de Sapezal, MT:

1 Durante as atividades de organização do glossário para a composição Livro: Alfabetizando com as histórias dos Ancestrais, na comunidade Irantxe/Manoki da aldeia Caititu, surgiram algumas dúvidas sobre processos fonológicos e a relação de alguns desses processos com a ortografia utilizada no Livro Jālijākje Walatājetjanỹ e no Vocabulário do professor Romildo. Como não tínhamos possibilidade, naquele momento, de ter contato com falantes da língua para que pudessemos esclarecer dúvidas, optamos, juntamente com os professores da comunidade, por manter a mesma ortografia utilizada e já conhecida por eles.

07 vogais orais: : A Ä E I O U Y

07 vogais nasais: ã Ä ã ã ã ã ã ã

As vogais **Ä Ä** e **Y ã** representam sons vocálicos que não existem na língua portuguesa.

13 consoantes: H-J-K-L-M-N-P-R-S-T-W-X-'

As letras J e W são pronunciadas como vogais na língua Irantxe/Manoki: J = a um "I" mais fraco; W = A um "U" mais fraco

A letra J pode acompanhar outras consoantes, formando os pares: **KJ-MJ-NJ-PJ e TJ**

O sinal (') também é uma consoante. Representa um som glotal (pronunciado como uma pequena parada na garganta).



Desenho: Giceli da Silva Terena

Quadro de exemplos

LETRA	MANOKI / IRANTXE	PORTUGUÊS
A	ALU	PAPAGAIO
<u>A</u>	API	EMA
Ã	ANÃ	OUVIR
<u>Ã</u>	<u>Ã</u> JÃLI	BOLA DE CABEÇA
E	AKE	AÍ
É	JAKÊRETI	LÍNGUA
H	KUKUHI	GAVIÃO
I	INULI	DEUS
Ĩ	ĨXI	FUMAÇA, POEIRA
J	ANJÃ	FOGO
K	KANUXI	URUBUZINHO
KJ	KJAMĨHỸ	NARIZ
L	KULANÃ	SERIEMA
M	MALEJTA	BONITA
MJ	MJATY	FRIO
N	NAMI'Y	MULHER
NJ	NJAM <u>ALI</u>	ESPOSA
O	OPA	COBRA
Õ	PA <u>J</u> TÕ	AVÓ
P	PYRI	CESTO
PJ	PJUTATA	CUSPE
R	ARE	MEU

S	SĂLI	VOCÊ
T	TATY	PEQUI
TJ	MĂKETJA	CÉU
U	ULAPA	CRANÇA
Û	ÛNĂ	CHICHA DE BATATA
w	APEWI	FLOR
X	XAPA	ASA
Y	YTY	PILÃO
ÿ	INÿ	PIOLHO
'	A'A	ÁRVORE



A origem dos Manoki

O começo do mundo...

Num tempo muito distante, que o calendário linear não dá conta de datar, o mundo era constituído somente por água.

Naquele período, era tudo água. então Deus preocupado com as pessoas criou uma imensa casa de pedra, muito grande, onde reuniu todos os índios: Irantxe (Manoki), Nambikwara, Paresí, Kayabi, Beíço de pau ou Tapayunas e também os “Kewa”



Desenho: Edimar Warakuxi

(brancos e negros) e muitos outros. A localização da casa de pedra, atualmente, fica nas proximidades de Campo Novo do Parecis, às margens do rio Sucuruína.

Moravam todos na mesma casa de pedra, inclusive alguns animais.

Naquele tempo, eles falavam. certo dia, perceberam que havia um pequeno buraco, que sugeria uma passagem para outros lugares. Kanuxi disse:

-Eu vou sair, vou lá em cima, vou espiar... Vou ver o que tem lá do outro lado.

O urubuzinho pretinho olhou e percebeu que poderia passar pelo pequeno vão e saiu da casa de pedra.

Voou, voou, andou, olhou. do outro lado, percebeu que existia terra, chão, matas, folhas e flores, ou seja, outras naturezas diferentes das que havia no interior da casa de pedra. percebeu que existiam muitas plantações, muitas flores. O kanuxi ficou muito feliz com as novas descobertas e resolveu retornar para contar a novidade a todos que estavam no interior da casa de pedra.

-Pessoal, vocês precisam conhecer aqui fora! é bonito! Tem terra, tem chão, tem mato. É bonito! eu queria que nós fôssemos morar lá fora.

Trouxe em cada asa um pouquinho de terra, folhas e flores. Contou a todos que existiam lá fora lugares bonitos que todos precisavam conhecer. Mostrou as folhas, flores e terra para deus, que imediatamente convocou os animais para aumentar o pequenoburaco para que todos pudessem sair.

- Como é que nós vamos sair desta pedra para ver esse lugar bonito?

Todos ficaram curiosos e começaram as tentativas de atravessar o buraco. Vários animais abriram a passagem. Deus escoltou tudo e mandou a paca e a cotia ampliarem o buraco. Disse-lhes:

-Como vocês comem frutas duras, mastigam, podem abrir a passagem...

A paca e a cotia tinham dentes bem fortes e começaram a roer a pedra. Rodearam, mas não conseguiram furar nada. Roeram, mas a pedra era tão dura que os de antes delas quebraram.

É por isso que a paca e a cotia têm apenas dois dentes em cima e dois embaixo. Depois de muitos dentes quebrados, desistiram:

- Ah, não dá para abrir...

Paca parou, cotia também.

Deus chamou o marimbondo lavadeira, que era magrinho, mas podia umedecer a pedra. E, com o sopro da saliva, começou a amolecer a pedra.

Deus, então, chamou o pica-pau:

- Pica-pau, pode abrir para nós sairmos? Como você pica a madeira dura para comer corós, pode picar e abrir para nós sairmos...

Após várias tentativas sem sucesso, o pica-pau pegou seu machadinho, fez várias tentativas, mas a pedra era muito dura. Não desistia; rodeou a toda a pedra, batendo com o seu machado, até que o marimbondo lavadeira (o marimbondo de cinturinha fina, de cor amarela, que faz casinha de barro dentro das casas; aquele que carrega água nas patinhas, para construir casinhas pequenas de barro nas paredes das casas) ajudou o pica-pau .Trouxe água para amolecer e com seu machadinho começou a perfurar a pedra.

Cavou, cavou até formar um imenso buraco, ou uma imensa porta, para que todos passassem para aquele lugar cheio de novidades.

E assim cada grupo saiu e foi se abrigar embaixo de uma árvore:

Os manoki/irantxe e os myky foram morar embaixo do cambará branco ou cedrinho. São povos das matas, matas altas;

Os paresí, embaixo do jatobá;

Os kayabi, embaixo do pé de carambola do mato;

Os “kewa” (brancos e negros), embaixo do pau amarelo, ou algodão do mato;

Os nambikwara, embaixo da marmelada do mato; os beijo-de-pau – tapayunas, embaixo da pindaiva ou pé de pequi do mato;

Deus mandou cada grupo para um lugar. Disse para os “kewa” escolherem os lugares, mas não tomarem as terras dos índios.

Foram todos se espalhando. Cada um para um lado. não tinham nada, nem machado, nem facão, nem fogo. daí pegaram as pedras finas e amarraram num pedaço de pau. Fizeram o primeiro machadinho de pedra e continuaram a procurar um lugar para viver.

Quando estavam saindo da pedra, no meio do caminho, um velho esquisito e muito feio – sua pele era uma casca dura, cascudo – lembrou que havia esquecido um pente e a cera de fazer flechas e outros objetos. Resolveu voltar para apanhá-los.

Nesse momento, a pedra fechou e o velho não conseguiu sair.

Todos estavam preocupados em conhecer o novo lugar e resolveram não ajudar o velho a abrir a passagem. o velho então, disse-lhes:

- Já que vocês não querem a minha companhia, eu vou permanecer no interior da pedra o resto da vida, não vou morrer.

Vou ficar aqui dentro, mas vou ouvir tudo o que vocês vão falar e fazer aí fora. Não quero que vocês briguem; que vivam bem, mas eu sei que vocês vão sofrer muito, vão enfrentar muitas dificuldades.

O velho sabia que do outro lado ia haver guerras. Todos iriam brigar, se matar, teria doenças, fome, miséria, dores, iria morrer... O velho sabia que no momento que saíssem da pedra eles iniciariam uma nova vida, por conta própria, e perderiam a imunidade que estavam acostumados no interior da casa de pedra. Assim, passariam a viver com intrigas, que gerariam as brigas, guerras e até a morte. Também iriam passar por muitas dificuldades para viver e se alimentar. O velho vive no interior da casa de pedra até hoje.

Naquele tempo distante, era tudo água. Inuli (deus) separou os animais, as plantas, a água e as pessoas. Demarcou os lugares para todos e eles deveriam cuidar desses lugares, pois seria a morada dos grupos para sempre.

Não há via instrumentos para trabalhar, então, começaram a fazer machadinhos de pedra. Depois foi a vez de produzir o fogo.

Pegaram a madeira dos pés de urucum e esfregaram entre as mãos até fazer fumaça e depois as chamas. Não foi uma tarefa fácil. Era dureza conseguir fogo.

Viver sem casas também não era fácil, pois estavam acostumados a morar dentro da casa de pedra. Iniciaram a construção das primeiras casas ou ini (lugar de moradia). Para cobrir as casas, utilizavam palhas de diversas palmeiras como a guariroba, a pacová, o inajá e o buruti. para segurar a cobertura,

usaram vários tipos de madeira. Com as cascas do inajá, fizeram os utensílios para colocar os alimentos e as utilizaram para dar banho nas crianças.

Os animais que viviam na casa de pedra saíram também. os grupos indígenas ficaram com o urubuzinho, o pica-pau, a paca, a cotia e o marimbondo lavadeira que ajudou o pica-pau abrir a porta.

Outros animais foram destinados para os brancos, como as galinhas, os porcos, o gado, os cavalos e os cachorros. assim o mundo começou segundo o universo cultural dos manoki.

NARRADOR: ALONSO IRAWALI



Glossário - Português - Irantxe/Manoki

ELEMENTOS DA NATUREZA

ÁGUA - MANĀPAPA

MORRO - KJUHUPA

CÉU/NUVEM - MAMKETJA

PEDRA - ALO' U

CHÃO / TERRA - PATA

RAIO - PAMÃ

CHUVA-MUHU

MATO - PA'I

DIA - MA'A

RELÂMPAGO - ULEWI

FOGO - ANJÃ

RIO - MANĀLI

FUMAÇA - ĪXI

SOL - IREHI

LAGO - MANĀMAWY

TEMPO/ANTIGAMENTE -
MUKULOLI

LUA - WAJAPU

TROVÃO - TALYLUKU

MATO - PA'I

VENTO / TEMPORAL - JU'U

ÁRVORES, FRUTOS E OUTROS

ALGODÃO - JANANÃ

JATOBÁ (ÁRVORE) - KURAKJE'Y

ÁRVORE - A'A

JENIPAPO-JANÃ

BAMBU/TAQUARA DO BREJO - JULA

PACOVÁ - ALAPY

BURITI (ÁRVORE) - TOKJE'Y

PALHA - JAWALI

CASCA DE PAU - AKJULI

PALHA / FOLHA - A'JAWALI

CERA - KAMÃ

PEQUI DO MATO - TATY

FLOR - A ' PEWI

RESINA - MĪKJA

FRUTA - MAHY

SEMENTE - MAHY

FUNGO JORELHA DE PAU) - KALALU

URUCUM - KANO'I

GALHO - AXANÃ

VARINHA - A ' JAMĀSI



Desenho: Glailson Lucas S. Nambikwara

A origem dos alimentos

Depois da saída da casa de pedra, os rios e os córregos estavam separados. e assim começaram a fazer roças usando os machadinhos de pedra, quebrando os galhos das árvores com as próprias mãos. As primeiras famílias se formaram, cada um fizeram suas casas, as ini, com palhas de injá, buriti, pacová, guariroba.

Formaram as primeiras aldeias e os primeiros chefes – ou capitão – para conduzir a comunidade.

Nahi foi o primeiro chefe, era uma pessoa boa. Fez uma grande casa na mata, fez roças nos campos e caçava os animais. Mas existia um grande problema: naquele tempo não havia mudas. Plantavam, plantavam e não nascia nenhum pezinho das plantas que serviam de alimento. Começaram a procurar terra boa e onde tivesse peixe.

Utilizavam os talos secos de buriti, para nadar, atravessar os rios e para pescar.

A mulher do capitão ficou grávida e teve um menino. Como não tinham os objetos, precisavam arranjar a bacia para dar banho

Insistiu tanto que a mãe começou a cavar o buraco. O menino experimentava, mas ainda estava raso. Dizia:

-Mamãe ainda está raso, cava mais...

A mãe cavava, cavava até que o corpo do menino ficou todo enterrado, ficando somente a cabeça e o pescoço para fora, tal como ele queria.

Depois que estiver tudo pronto, a senhora pode me espiar. eu não vou morrer, não, mamãe, é só você cuidar de mim – disse o menino.

Mandou a mãe ir embora, não olhar para trás e esperar. Ela obedeceu e, assim que se virou, começou a ouvir barulho de yeta e kjakali. Ficou com medo e correu sem olhar para trás. Ouvia somente um barulho de algo caindo.

- ô, ô, ô, ô, ô, ô. humm, humm, hum... humm!

Era yetá, que veio ajudar o menino a plantar, e o corpo do menino se transformou em plantação. E até hoje os vizinhos ajudam os Manoki a fazer roça.

A mãe atendeu ao pedido do filho. Retornou para a aldeia e ficou quieta. O marido demorou a perceber a ausência do filho. Passaramse dois dias; ele então perguntou:

- Mulher, onde está nosso filho?

A mulher não respondeu, ficou em silêncio. O marido insistiu:

- Mulher, onde está nosso filho?

A mulher então falou:

- O menino disse que estava zangado, pois você não falava com ele, só assobiava. Zangou e pediu para ser enterrado. Falou para você fazer xire, pilão e apontar a vara para cavocar mandioca.

O homem fez o xire e a vara com ponta, e a mulher levou-o até onde havia enterrado o menino. qual foi a surpresa? Quando viram que, no lugar em que o menino havia sido enterrado, nasceram vários tipos de plantas que serviriam como alimento. Cada parte do corpo do menino transformou-se numa planta, cujos frutos iriam servir de alimento para os Manoki:

Da cabeça, nasceram as cabaças, utilizadas para carregar água e colocar chicha;

Do coração, surgiu o cará branco;

Do fígado, o cará roxo/preto;

Das costelas, o feijão costela ou feijão comprido;

Do sangue, o urucum para pintar o corpo;

Das unhas, o amendoim;

Dos testículos, a araruta redonda;

Do pênis, a araruta comprida;

Das coxas, nasceu a raiz da mandioca;

Das tripas, a batata doce;

Da parte externa da costela, a fava;

Dos ossos das pernas, a rama da mandioca;

Dos dentes, o milho;

Dos cabelos, os cabelos da espiga de milho;

Dos ossos do braço, araruta comprida (outro tipo de araruta mais comprida).

O pai ficou doente. disse que o menino tinha se transformado em mandioca.

Para ele lembrar e se alimentar. Encheram os xires de mandioca, escondidos dos outros moradores, pois eles não poderiam saber. Voltaram para casa, ralaram a mandioca na casca da sumaneira, coaram, fizeram chicha e beberam.

O pai ficou feliz ao saber, pois entendeu que o filho havia se transformado em alimento para eles. O chefe, vendo que todos na aldeia estavam passando por dificuldades para conseguir alimento, repartiu um pedaço de roça pra cada morador, mas avisou que eles deveriam cuidar das plantações.

Pela noite, as formigas quenquém (ou carregadores pequenos) começaram a carregar os pedacinhos da mandioca ralada, espalhando pelas casas da vizinhança. Quando o dia amanheceu, as pessoas ficaram surpresas com os pedacinhos espalhados pelas casas. A cunhada juntou os pedacinhos e fez bolo, assou e comeram.

Ela gostou muito e resolveu descobrir de onde estava vindo aquele alimento. Seguiu a trilha feita pelas formigas quenquém, e percebeu que vinham da casa do capitão. Foi até a casa do chefe, para saber o que era aquilo.

A mulher do chefe explicou o que era massa de mandioca. As pessoas experimentaram e acharam muito bom. Quiseram saber como tinham conseguido mandioca; insistiram, até que a mãe contou que havia enterrado o filho e ele se transformou em mandioca.

-Isso é carne do meu filho, que foi enterrado e se transformou em alimento para a gente comer.

A cunhada queria também ter mandioca. foram até a roça pegaram bastante mandioca, batata, araruta, encheram muitos

xires. Carregaram tanto, que o pai ficou zangado, pois estavam levando todo alimento que o filho lhes deu.

A mãe falou que tinha um único filho, que foi enterrado e se transformou em alimento. A cunhada também tinha três filhos, deveriam enterrar seus filhos para nascer mais mandioca e terem mais alimento.

Os vizinhos ficaram com muita inveja, porém aceitaram enterrar seus filhos. Mas o efeito não foi o mesmo. Por conta desse ato de ganância, ao invés de nascer mandioca de coruja. Brotaram alimentos não propícios aos humanos.

Assim, surgiu uma diversidade de plantas, umas boas para consumo, outras somente para alimentar os passarinhos e outros animais.



GLOSSÁRIO - PORTUGUÊS - IRANTXE/MANOKI

PARTES DO CORPO

BARRIGA - TJUKU

NARIZ - KJAMĨHĨ

BOCA - JÁ'A

OLHO - KUTJAKAHY

BRAÇO/OMBRO - TJAPULI

ORELHA - JAKIHI

CABEÇA - MATY

OSSO - MAPJU

CABELO - MATYJIRI

PÉ - MANĨ

CORAÇÃO - NJÖPAKAHY

PEITO - MIXI

COSTELA - MJAPY

PERNA - MANKJE'Y

DEDO - MIMĂJAWALI

PESCOÇO - MOKJE'Y

DENTE - MJUHU

QUEIXO - JATAHI

FÍGADO - NJAMIHI

SANGUE - MĨĨ

JOELHO - INJĂKATY

TRIPA - XUHU

LÍNGUA - JATENĨ

UNHA - MIMJĂKYPJU

MÃO - MIMJĂ

ALIMENTOS

ABACAXI - ALA'Y

CASTANHA - YJUKAKAHY

ABÓBORA - MAMAHY

CHICHA DE MANDIOCA -
MÝKJANĂ

AMENDOIM - KULITAKAHY

CHICHA DE PEQUI - TATKJANĂ

ARARUTA - JALAWY

FEIJÃO - KUMĂTA'IRU

BANANA - ALAAMAHY

FEIJÃO FAVA - KUMĂTA

BATATA - ANĂ

MAMÃO - MAMAHY

BATATA DOCE - ONĀIKJA

MANDIOCA - MŶ'I

BEIJU - MŶKYKJA

MEL - I'I

BURITI/FRUTA - TOMA

MILHO - KURATJU

CAJU - ĪWĪ

MINGAU - KAMALARAKANĀ

CARÁ BRANCO - ONĀNAKATA

OVO - MITJA

CARÁ ROXO - ONĀKYTY

SUCO/MEL DE ABELHA - I'KJANĀ

CARNE/CAÇA - JAWA





Desenho: Romildo Orenaezokae

A história da origem dos animais

Antigamente, depois que o mundo foi montado, todo criado, não existiam todos os animais.

Os animais existiam somente em alguns lugares, não andavam nos campos e nas matas. Certo dia, dois irmãos, um mais velho e outro mais moço, estavam cuidando de uma plantação de frutas. Ficavam observando, sondando, para ver se não encontravam caça.

Observavam, esperavam, e quando vinham os animais, eles flechavam. Os animais apareciam, mas logo sumiam. Um dos irmãos resolveu ficar vigiando. Jogava a flecha, mas os animais sumiam e ele não conseguia pegar os bichos.

Um dia, apareceu a cotia. A cotia correu e entrou num buraco, mas o rapaz a flechou e conseguiu segui-la.

Foi daí que ele encontrou um grande buraco, onde achou as flechas que havia jogado na cotia.

Ficou muito feliz, pois havia encontrado o local em que as caças ficavam e assim teria animais para caçar para sempre. Era onde ficavam os animais: onças, antas, cotias, porcos, perdizes, caititus, veados, lobos, lobinhos e catetos...

-Mas aqui é um buraco!

O rapaz se aproximou mais um pouco e viu as pontas das flechas.

-Hãã, é por isso que a gente não acha os animais!

Apanhou os animais e levou para casa, para sua família. O homem era muito ganancioso. Quando queria comer carne, ele ia lá e buscava, mas não contava para ninguém. escondia o lugar e proibia as crianças de contar para os outros. Inclusive, nem para o próprio irmão ele revelava onde conseguia a caça, e somente às vezes dava as pernas dos animais. apenas sua família comia carne. Nem mesmo dividia a carne com as outras famílias. Certo dia, as crianças começaram a cantar uma cantiga que falava sobre como o pai conseguia as caças:

“Papai foi caçar para nós!

Agora ele sabe o lugar onde tem bastante caça.

Nós vamos comer bastante carne!”

O irmão do homem ouviu a cantiga das crianças, mas estas disseram que o pai havia lhes proibido de revelar onde era o lugar. O tio começou a colocar medo nos sobrinhos com os gambazinhos.

Trouxe vários gambás grandes, até que as crianças ficaram com medo de um gambá feio.

-Se vocês não me contarem onde é o lugar, esse gambá vai comer vocês.

As crianças ficaram com mais medo e revelaram o lugar. Levaram o tio até onde ficavam os animais.

- É aqui neste buraco que papai pega os animais.

Assim que o tio encontrou o lugar, viu vários animais. Para se vingar do irmão ganancioso, começou a espalhar todos os animais: onças, antas, cotias, caititus, pacas, veados para diversos lugares, para que as outras famílias pudessem caçá-los também.

O homem retornou e viu muitos rastros para todos os lados e perguntou para as crianças por que elas tinham contado sobre o lugar, e elas disseram que o tio as tinha assustado com o gambá. O homem foi rapidamente no local do buraco onde ficavam os animais e não encontrou nenhum. Todos já haviam se espalhado por diversos lugares. os animais começaram a se espalhar e andar pelo campo, pelas matas, pelas cabeceiras e pelos rios, e é por isso que hoje, nós, os manoki, encontramos os animais em vários lugares.



GLOSSÁRIO - PORTUGUÊS - IRANTXE/MANOKI

ANIMAIS

ANTA - OPYRI	MARIMBONDO LAVADEIRA - MÃKYJÃXI
ARARA - KATATY	MUTUM - AWITI
BORBOLETA - KALATALI	ONÇA - JUNALI
CAITITU / CATETO - MOXI	PEIXE - MJATAPA
CIGARRA - AKU	PICA PAU - TUMÃLI
COBRA - UPA	PIOLHO - INÏ
EMA - API	RATO - KYPY
ESCORPIÃO - AKULU	SAPO - ÃNJU
FORMIGA - ITI	TATU PEBA - PYPY
GAMBA - KOOXI	TUCANO - AKUHI
JACU - O'U	URUBUZINHO PRETINHO - KUNJÏXI
LOBO GUARÁ - APURA	
MACACO PREGO - PATÃKA	VEADO - JAMÃSI

OBJETOS E OUTROS

ABANADOR - KAWAPJA	FACA - PYWY
AFIADOR DE FLECHA - JAKJUSI	FACÃO - PYMA'I
ARCO - POKU	FLECHA - KA'A

**ARMADILHA PARA TATU -
MATJASI**

MACHADO - TAPJA

BORDUNA - KUPY

MACHADO DE PEDRA - ALOTAPJA

CABAÇA - MYPY

MÃO DE PILÃO - KUMĀKATY

CANOA - ITJALI

PENEIRA - ATOHU

CASA - INĨ

PILÃO - YTY

CAVADEIRA DE PAU - YMJŨ

RALADOR - TAMĀLI

CESTO - PYRI

REMO - KAPJAKJE'Y

**CESTO GRANDE 3 LADOS -
PY'MJAHÍ**

TIGELA - XIPKJU'HU

CORDA - NJĀPY

VASSOURA - TATXEKJE'Y

CUIA - KALAHY





Desenho: Edimar Warakuxi

As fases da educação tradicional Manoki

A educação tradicional Manoki começa em casa, com pais, irmãos e parentes. Os pais ensinam os filhos e as mães, as filhas.

Os Manoki concebem a educação tradicional, de acordo com as fases da vida.

Quando os meninos alcançam a idade de 10 ou 11 anos, entrando na fase de adolescência, seus pais incentivam a prática de atividades físicas. Os adolescentes são despertados durante a madrugada para tomar banho no rio, pois o banho ajuda a ter disposição e a ficar mais ativo.

Após os banhos matinais, os pais contam as histórias tradicionais e os ensinamentos que adquiriram com os seus pais e os mais antigos. Nessas histórias, passam os ensinamentos de

como fazer roça, plantar, colher, como realizar caçadas e como fazer arcos e flechas e, também, a confecção de artesanatos para datas festivas.

É um princípio Manoki respeitar principalmente as mulheres, os idosos, o próximo e a família. Os pais ensinam os seus filhos a procurar uma mulher trabalhadeira para casar, não maltratar a esposa. Os Manoki comparam as mulheres aos passarinhos: são livres não podem quebrar as suas asas, deixando que voem.

As atividades e a educação das jovens meninas são de responsabilidade de suas mães. Cabe ainda a elas, a responsabilidade de ensinar a suas filhas a trabalhar e a realizar as lidas domésticas, além de ensinar as crianças a terem respeito ao próximo e a cuidarem da higiene pessoal. O valor da menina dentro da tradição Manoki é ser trabalhadeira, ou seja, realizar todas as atividades relacionadas a casa, tais como: buscar água, ralar mandioca, fazer chicha, beijú e os demais alimentos para a família.



GLOSSÁRIO - PORTUGUÊS - IRANTXE/MANOKI

DENOMINAÇÕES E PARENTESCO

AVÔ - MAKNJA

MARIDO - ÝTAMÃ

AVÓ - PATJUNÃ

MULHER - NAMY'I

CRIANÇA - ULAPA

PAI - AREJÃ

CUNHADA - MALINÃ

PESSOA / GENTE - MÝKY

CUNHADO - KUNÃ

PRIMA - MARIKNA

ESPOSA - ARE'NAMYLI

PRIMO - UNÃ

HOMEM - MIJA

PRIMO/PRIMA - ARE'KAPY

IRMÃ - KAKJANÃ

SOBRINHA - ATJUKNÃ

IRMÃO - PYKNÃ

TIA - NAKNÃ

MÃE - MJU'U

VELHO-MIAMIPJU

OBJETOS DA CULTURA MATERIAL

BRACELETE (MASCULINO) -
TJUWA

FLAUTA - KATĀTIRE

BRINCO DE PENA - ÍXAKESI
OWÍPAKE'I

NARIGUEIRA - XIRET1

CHOCALHO DE PERNA (MASC.)
- JURA

REDE - PAPY

COCAR (MASCULINO) - XUNÃ

SAIA (FEMININA) - XIMÝLI

COLAR DE SEMENTES - TAKIPY

VESTIMENTA (MASCULINA) -
MAKAMÃ

NÚMEROS

UM - KÝTAPY

SEIS - PJATYPIPY

DOIS - NUMÃ

SETE - PJATYKIPJU

TRÊS - MATJARIKINĪ

OITO - PJATYPIPY

QUATRO - KŪTXAPUKINĪ

NOVE - PJATYKIPJU

CINCO - KŪLIXINI

DEZ - PJATYPIPY

CORES

AMARELO - XIKJALI

MARROM - KYPALANÃ

AZUL - PIRERIKI

PRETO - KYTY

BRANCO - NAKATA

ROXO - PIRERIRIKI

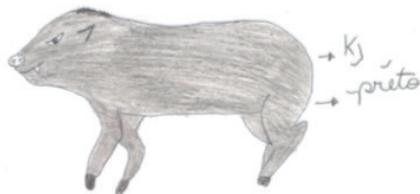
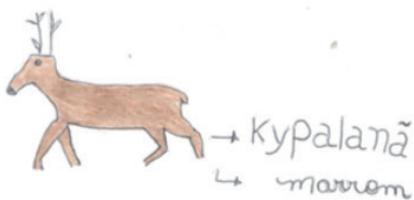
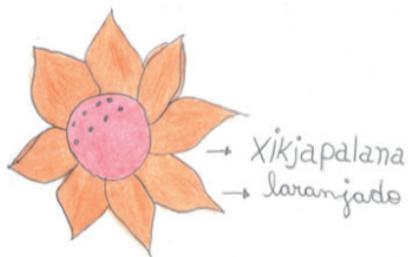
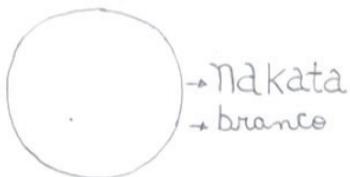
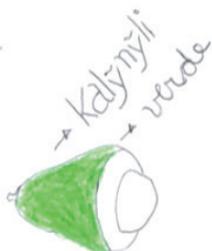
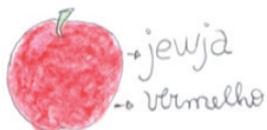
CINZA - KYTYKJALI

VERDE - KALŸNŸLI

LARANJADO - XIKJAPALANÃ

VERMELHO - JEWJA





SOBRE OS AUTORES

Angela Maria Kamunã Irantxe

Nasceu em 1975, na aldeia Utiariti. Fez o magistério no Projeto Geração é graduada em ciências Sociais pelo 3º Grau Indígena da UNEMAT em Barra do Bugre, com pós-graduação em educação Escolar Indígena, pela UNEMAT de Barra do Bugres. É professora há 25 anos, contratada pelo Município de Brasnorte e, desde 1999, pelo Município de Sapezal MT. Participa do Projeto: Ação Saberes Indígenas na Escola – Rede UFMT, uma proposta do MEC/SECADI coordenada em Mato Grosso pela Universidade Federal de Mato Grosso em Cuiabá.

Edimar Warakoxi

É pertencente da etnia Manoki, mora na aldeia Caititu Município de Sapezal, MT. Começou em sala de aula em 2018, como substituto da professora Angela Maria K. Irantxe. Atualmente, trabalha como TDI (Técnico de Desenvolvimento Infantil) no município de Sapezal, na escola Clarismundo Scheffer e Eneli Scapinel. Faz faculdade de Licenciatura em Matemática na UAB (Universidade Aberta do Brasil), extensão da UNEMAT de Cuiabá-MT.

Eusiani Kapwetalu Irantxe

É da etnia Manoki, mora na aldeia Caititu, no Município de Sapezal, MT. Começou em sala de aula em 2013 como ajudante da professora Angela Maria K. Irantxe em sala multisseriada. Assumiu, na escola urbana, o teste seletivo de 2018 como monitora, ajudando as professoras. Atualmente está dando aula na Escola Indígena

Wakalitesu, em sala multisseriada do 4º ao 5º ano, na aldeia Três Jacus, no Município e Sapezal, MT. Faz faculdade de Licenciatura em Matemática na UAB (Universidade Aberta do Brasil), extensão da UNEMAT de Cuiabá-MT. Participa do Projeto: Ação Saberes Indígenas na Escola – Rede UFMT, uma proposta do MEC/SECADI coordenada em Mato Grosso pela Universidade Federal de Mato Grosso em Cuiabá.

Giceli Correia da Silva Terena

Começou em sala de aula em 2013 na Escola Indígena Seringal, em Campo Novos dos Parecis. Fez o Ensino médio normal na escola Artur Antunes Maciel, em Juína MT. Em 2017 assumiu, na escola Lino Araxi Irantxe, as turmas do Pré II e 1º ano anos. Atualmente está trabalhando na Saúde Indígena.

Romildo Orenaezokae

Começou em sala de aula em 2015, fez o ensino médio normal. Atualmente trabalha no projeto de revitalização da língua Manoki na escola Lino Araxi Irantxe, e também é professor dos anos iniciais na aldeia Caititu, na Terra Indígena Tirecatinga que fica no Município de Sapezal, MT. Participa do Projeto: Ação Saberes Indígenas na Escola – Rede UFMT, uma proposta do MEC/SECADI coordenada em Mato Grosso pela Universidade Federal de Mato Grosso em Cuiabá.



SOBRE AS ORGANIZADORAS

Hellen Cristina De Souza

Professora e pesquisadora Associada e líder do grupo de pesquisa sobre Educação e Diversidade - NEED da Universidade do Estado de Mato Grosso/UNEMAT. Atualmente é membro da Red Latinoamericana de Estudios y Experiencias Interculturales. E-mail: hellendesouza@gmail.com

Maria Margarete Noronha Valentim

Professora mestre, coordenadora da educação escolar indígena do município de Sapezal, MT. Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso, UFMT. É pesquisadora associada do Núcleo de Estudos de Educação e Diversidade, NEED. E-mail: edu.indigena@sapezal.mt.gov.br

Miriam Kazaizokairo

Foi a primeira cacique mulher do povo Paresi, uma liderança muito respeitada na sua comunidade e no seu povo em geral.

Fez o Magistério Intercultural Projeto Tucum - MT é graduada em ciências da Matemática e da natureza da UNEMAT em Barra do Bugre. Foi professora e coordenadora de educação escolar indígena em Campo Novo do Parecis e hoje está aposentada, continua como cacique da sua aldeia Bacaval.

A Coleção Saberes Indígenas na Escola inicia com a publicação de oito livros didáticos dos Povos Bororo, Umutina, Chiquitano, Xavante, Paresi, Nambikwara e Manoki resultado de uma parceria entre as IES de Mato Grosso, secretarias de educação nos municípios envolvidos e estado, em especial, as respectivas comunidades indígenas, gestores, professores e estudantes que garantem a educação escolar nos territórios envolvidos. Assumem a organização da coleção a equipe de coordenação do Projeto “Ação Saberes Indígenas na Escola – Rede UFMT”. O Projeto contou com o financiamento do Ministério da Educação/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão – SECADI (2018-2019). Os livros visam a atender, especificamente, à alfabetização e práticas de letramento das crianças, jovens e adultos nas comunidades indígenas, considerando suas referências linguísticas e culturais. .

Beleni Saléte Grandó

Coordenadora Geral do Projeto Saberes Indígenas na Escola – Rede UFMT



ISBN 978-85-327-0938-7



9 788532 709387

